

Euclides Neto

O BOCADO NÃO É PARA QUEM FAZ

(Conto)



A Coleção **Teal**, da E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, disponibiliza obras digitais com formato diferenciado – e tomando como base uma cor pouco usada, principalmente para servir de fundo em páginas de livros.

Escolheu-se um formato de e-book concebido, pelo tamanho e pelos tipos de letras, para ser lido confortavelmente em smartphones e outros aparelhos digitais.

O Acervo Euclides Neto vem sendo publicado tanto nesta quanto em outras coleções, conforme as dimensões do texto.

Os livros podem ser lidos na plataforma **ISSUU**, de Copenhague, Dinamarca, e também nos sites **e-book.uefs.br** e **linguagens.ufba.br**, em PDF, adequado para ser salvo com facilidade no celular ou nos demais equipamentos do leitor.

Euclides Neto

O BOCADO NÃO É
PARA QUEM FAZ

(Conto)

Organização, introdução e notas:
Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Acervo Euclides Neto

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)
Denise Coutinho (UFBA)
Denise Teixeira (LITERA)
Gilca Machado Seidinger (UFSEB)
Maria Luíza Nora (UESC)
Vitor Hugo Martins (UNEB)

<https://issuu.com/e-book.br/docs/4euclides>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

Tipologia Amer Type Md BT, 13

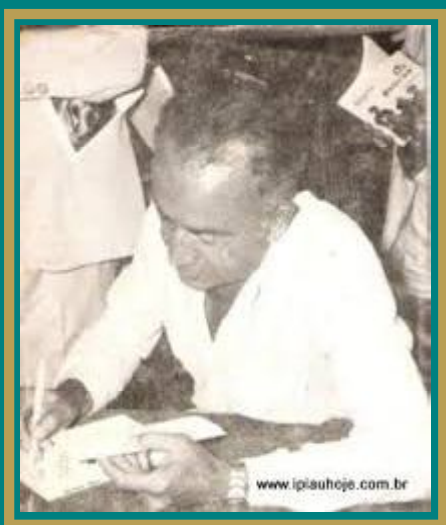
Formato 12 x 20 cm.

Número de páginas: 78

Copyright 2017

SUMÁRIO

Obras de Euclides Neto	7
Conto, novela e romance nos astuciados de Euclides Neto <i>Cid Seixas</i>	9
O bom bocado	17
Coleção Teal	54



Acervo Euclides Neto

Títulos publicados:

- 1 | A última Caçada
- 2 | O Advogado e o Burro Ladrão
- 3 | Cinco Histórias da Roça
- 4 | O bocado não é para quem faz

OBRAS DE EUCLIDES NETO

LIVROS IMPRESSOS

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço
Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução
e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)
- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)
- 11 Dicionareco das Roças de Cacau
e Arredores (1997)

- 12 Trilhas da Reforma
Agrária (1999)
- 13 O Tempo é Chegado (2001)
- 14 Obras Completas, 13 vol. (2014)

E-Books

- 15 A última Caçada (2017)
- 16 O Advogado e o Burro
Ladrão (2017)
- 17 Cinco Histórias da Roça (2017)
- 18 O bocado não é
para quem faz (2017)

CONTO, NOVELA E ROMANCE NOS ASTUCIADOS DE EUCLIDES NETO

Graciliano Ramos compôs uma das suas obras principais, o romance *Vidas secas*, utilizando a técnica de sequenciamento de histórias. Para apresentar o painel de fome e miséria do nordestino, ele escreveu vários contos, através dos quais os personagens – tangidos do sertão pela seca – cumprem o destino comum de mulheres, homens, crianças e bichos do lugar.

Técnica de construção análoga marca o livro *Os genros*, publicado por

Euclides Neto, em 1981, e igualmente caracterizado como romance. Na segunda edição, de 2014, como um dos treze volumes das suas obras completas, o também contista e romancista grapiúna Cyro de Mattos, na apresentação, revê a denominação tradicional, consagrada por ficcionistas, livreiros e outros agentes, levando os editores a classificarem o livro como uma novela.

Os estudos universitários dedicados à narrativa de ficção, desde o século passado, puseram em cheque a denominação desses (sub) gêneros – conto, novela e romance – derivados de um dos três grandes gêneros clássicos: o lírico, o épico e o dramático. No Brasil, foi o estudioso de origem libanesa Massaud Moisés, autor de livros essenciais dedicados à literatura, o primeiro a abordar a questão de forma objetiva e esclarecedora.

Ainda nos anos cinquenta do século passado, ele esboçou uma teoria que em 1967 ganhou destaque no livro *A Criação Literária*, obra que na edi-

ção mais recente, de 2012, expõe os seus conceitos em quase mil páginas de informações especializadas (!). Criticando a diferenciação entre a novela e o romance, através do critério quantitativo, ele lança as bases do que hoje aceitamos com relativa concordância e incerta unanimidade.

Com a presença marcante do estruturalismo nas ciências humanas, na segunda metade do século passado, o critério quantitativo na caracterização das narrativas de ficção deu lugar ao critério qualitativo. Verificou-se que o número de páginas não define o gênero a que pertence um texto. A diferença reside, sim, na sua estrutura, na organização dos fatos narrados. Desse modo, considera-se conto uma narrativa que trata de um único episódio, de uma história simples, reunindo alguns personagens e situações que dão corpo ao que é contado.

A novela seria uma sequência de episódios, ou de histórias, ligada por um ou mais personagens. Desse modo, tanto narrativas de poucas páginas,

como *Vidas Secas*, ou de muitas e muitas páginas, como *As mil e uma noites*, são – igualmente – novelas.

Vitor Hugo escreveu uma série de romances que – reunidos – formam a novela *Os miseráveis*. Alguns personagens ora ocupam um lugar central, ora secundário nos cinco livros, ou nos cinco romances que constituem o conjunto. O elo que dá unidade a essa obra é o destino do personagem Jean Valjean, condenado a duas décadas de prisão e trabalhos forçados, por ter roubado pão para matar a fome dos filhos da sua irmã.

Já no livro *Os genros*, de Euclides Neto, temos uma sequência de astuciosos que têm como cenário a cidade ficcional de Beira Rio. Além do lugarejo, que dá unidade às narrativas, alguns personagens reaparecem aqui e ali, como o fofoqueiro Bispo Lopes, uma espécie de doido manso do lugar, a quem era permitido dizer em voz alta as verdades mais inconvenientes e sussurradas, por todos, aos pés dos ouvidos.

É o criador desse mundo de astúcias quem diz, na página 20: “Vamos construir uma cidade e nela colocar os personagens.”

Mas a ligadura dessas narrativas é feita por um conjunto de personagens bem peculiar: os caça-heranças, que projetam uma vida confortável vencendo numa “profissão” muito rendosa nas terras do sem fim, o ofício de genros dos abastados fazendeiros de cacau, no tempo das vacas gordas.

Assistindo de camarote às infundáveis e contraditórias lengalengas das discussões teóricas sobre os gêneros literários, o autor, com suas parabólicas antenas de artista, bispa os imbróglios em que se enrascou. Assim é que, já no primeiro parágrafo de *O bocado não é para quem faz*, Euclides Neto mete o bedelho:

“Ao menos os leitores abelhudos devem ter criado um grude nessa estória mal amanhada. Quando hoje se tem os casos liquefeitos na televisão, só gente besta vai prender-se no en-

redo de romance, tanto mais deste que nem se sabe se é romance mesmo ou simples desfastio de quem pretende espantar frustração.”

Com tais palavras, aparentemente ingênuas e despretensiosas, ele assinala o fato de não ver a obra da qual foi extraída esta narrativa como um romance, mas como um conjunto de causos interligados.

O episódio – ou o conto – escolhido para formar este e-book é uma exceção temática. Enquanto alguns gêneros são espertos doutores de anel no dedo e pouca aptidão para o trabalho, o humilde Nozinho é um homem pobre, trabalhador e honesto, cujo destino é aturar de bom grado a velha sogra, que causou perdas e danos nos lares da filharada.

Tão pobre quanto o gênero, Veialita percorreu as casas dos parentes mais abastados até esbarrar no casebre dos dois: Nozinho e Nozinha, marido e mulher, vivendo ao deus dará.

Assim como as histórias de *Os gêneros* têm seus personagens recorrentes

tes, alguns deles reaparecem também ao longo de outros livros do autor. Tanto o popular e boquirroto Bispo Lopes quanto o esforçado advogado que ganhou fama como Doutor Zequinha, são velhos conhecidos dos leitores de Euclides Neto.

Esse último, pode-se afirmar, é um *alter ego* do escritor grapiúna. No e-book *O advogado e o burro ladrão* esse mesmo Doutor Zequinha aparece como um advogado sem posses a cuidar dos interesses dos seus ainda menos abastados constituintes. Neste novo livro eletrônico, a Veialita refere-se ao filho da comadre Lourdes: “Você se lembra de Zequinha... aquele menino amarelo, cheio de pereba na cabeça, de tanto piolho”. E completa a informação biográfica: “É advogado. Foi pra Bahia, se empregou lá com um padre e chegou formado.”

Sabe-se que Euclides Neto, quando estudante, saiu do interior e foi fazer direito na capital da Bahia, onde para se manter trabalhou com um padre e ex-professor do colégio. Não sendo de

família de posses, levou uma vida de aluno pobre, até chegar à condição de advogado e fazendeiro – mais comprometido com o meio ambiente e p bem estar coletivo do que com os resultados imediatos da produção e do agronegócio.

A narrativa que vamos ler, em seguida, é marcada por fina ironia e bem apurado conhecimento psicológico do contexto que compõe o cenário dos acontecimentos. Graças a esses traços, o texto do artesão Euclides Neto proporciona, simultaneamente, ao mais exigente exegeta e ao mais despreocupado dos leitores – em busca do prazer e da alegria – o que de melhor a arte da escrita pode nos dar.

O BOM BOCADO

I

O caso do doutor Eliziário parece que deu para criar um suspensinho. Se não deu, paciência: Ao menos os leitores abelhudos devem ter criado um grude nessa estória mal amanhada. Quando hoje se tem os casos liquefeitos na televisão, só gente besta vai prender-se no enredo de romance, tanto mais deste que nem se sabe se é romance mesmo ou simples defastio de quem pretende espantar frustração.

Vamos agora narrar um fato que parece acontecido, mas, como os ou-

tros, foi inventado. Só tem genro e sogra. Como não moram em Beira Rio, mas no Ponto dos Nozinhos, o jeito é trazê-los para cá. Alugar uma casa ali na rua do Dendê, hoje rua Padre Fileto, e fazê-los domiciliados no mesmo lugar dos outros.

O genro é Samuel, alcunhado de Nozinho.

A sogra chama-se Veialita.

Ela pariu quinze filhos, espalhados pelas quatro divisas da região cacau-boi, menos um que morre daqui a pouco e vai ser enterrado logo mais.

Netos que dão para encher um pau de arara. E bisnetos.

Até o momento, ninguém sabe por que todos rejeitaram a pobre senhora. Fora boa mãe. Acabara de criar a barrigada com o heroísmo de quem fica viúva ainda enxuta de carnes, guardando o luto na masmorra da virtude (diz ela). Como as bocas eram muitas e a comida vasqueira, cada um que chegava na idade de fazer coisa feia, até com bichas, ia sendo escorraçado de casa.

– Vai, menino, ganhar o mundo. Se bate por aí, mas vence.

O noviço arrumava um bernal de roupa e pisava na estrada. Uns ficavam por perto trabalhando em fazenda; outros se colocavam nos balcões, pois Veialita transmitira, a poder de tapa e palmatória, o pouco aprendido: as quatro espécies de conta, sendo que a divisão até de dois algarismos, assinar o nome e rabiscar um bilhete.

Sem pai – ofendido de bicho do chão, morto quando o caçula ainda mergulhava no bucho da mãe. O lote ganhou o mundo cedo. As moças – seis – casaram-se. Rolou o tempo e a família, se não ficou rica, considera-se remediada: médios fazendeiros, comerciantes de três portas, um dono de caminhão. Menos dois: o mais moderno cheio dos dinheiros, e a caçula das mulheres, casada com um rapaz bom, mas, coitadinho, só não foi Jó porque nasceu depois dele.

Ninguém queria ficar com a velha. E ela não podia viver sozinha, devido

à isipra que, na força do crescente, minava água feito brejo. Além disto era bem-dotada daquela arte de jogar o genro contra a filha e a nora contra o marido, pingando, gostosamente, a gota de veneno no momento certo. Sabia puxar o assunto irritante na ocasião exata, como se fosse um arame a cutucar o dente até encontrar o nervo. Zás! A ferroadada. Com ares de santa, tirava o corpo para ver o efeito. Mal a discussão acendia, afastava-se inocente para o quarto, na gostosura do crochê. Ou ao oratório... rezar o terço.

Começava assim:

– Fulana, você não disse que quando fulano voltasse ia botar tudo em pratos limpos... aquele negócio de apurar onde ele estava até meia-noite?...

Como marido tem horror de informar onde anda, vinha a pergunta:

– Como?

– Nada, fulano – a coitada tentava um remendo.

– Você não disse que ia tirar ela...

– Ela quem?...

Pronto! Briga para um mês.

– Ó, fulana, é mesmo que tua menina está namorando aquele rapaz?

– Ó, fulano, por que tua mulher sai todo dia de tarde parecendo uma artista de cinema?

– Ó, fulana, teus cabelos estão ficando brancos como um madrasto!

É por isso que teu marido não te liga mais?

– Teu filho perdeu o ano? A menina acabou o casamento?

Bastava uma perguntinha inocente para espalhar a brasa e cair fora.



Capa do livro *Os genros*, novela composta a partir do encadeamento de contos, chamados pelo autor de peças, sobre os candidatos a herdeiros das fazendas de cacau, nos tempos da bonança.

II

Correu todas as casas. De genros e noras. Sogra de erisipela, futriquentada e pura como bolso furado, nem o diabo quer.

Um dia esbarrou na casa de Nozinho, o genro pobre. A essa altura Veialita mascava fumo, tomava pó, além da estima à erisipela. Um traste de gente. Todos suspiraram aliviados, falaram em ajuda mensal que até hoje não chegou. Prometeram visitá-la na Sexta-Feira da Paixão e no Natal e o trato não se cumpriu.

Nozinho morava numa encruzilhada para os lados do Oricó, vendendo

cachaça e o quarto de querosene aos mateiros serradores. Bodeguinha de garrafas vazias, enchendo as magras prateleiras, pelancas de carne de sol, o fumo de corda. Pouco mais. Ali criava a meia dúzia de pançudos. Morava no fundo da vendinha, numa cobertura de indaiá, já do lado de fora.

O lugar passou a chamar-se o Ponto dos Nozinhos, perto do Ponto da Perua.

Com a chegada de Veialita, a vida não se alterou. Não tinha para onde piorar. O riacho à tarefa da casa continuou a escorrer, o galo pedrês amiu-dava às madrugadas. Os meninos não diminuíram as tripas. Um morreu opado como defunto pocando o fel. Foi até bom: sobrava um prato.

Aos domingos, a quitanda enchia de gente, mais pinga, pistola-cu-de-boi fora, jogador de facão. Vez por outra o inspetor aparecia e mostrava a fita verde-amarela, símbolo da presença do governo.

Veialita não se queixava. Cozinhas umas cocadas, apalpava as galinhas,

cuidava da perua criadeira. Os ingratos – todos os outros filhos – não davam sinal de vida. Sentiram-se aliviados com a ausência.

Veza por outra o sentimento de culpa de algum deles dava a desculpa:

– Foi bom mamãe ter ido para a casa do Nozinho. Lá na roça é sossegado, ela sempre gosta de plantação, criar pintos, tomar banho no riacho com sabão de coco. Coitada, está em paz, no descanso dos últimos dias.

Inventaram logo: a filha que ela mais gosta é Nozinha. Que é a mais parecida com ela. Até no jeito de ser, usando ainda batas do tempo antigo.

– Melhor que na cidade, com aquela zoeira de carro. Foi bom, muito bom mesmo. Lá ela se distrai, capando frangos, fazendo doces para vender. Quem sabe? Melhoraria a lavração da perna.

Dar alguma lembrança, isto não. Para não dizer que, nos cinco anos de Oricó, Veialita não recebeu nada dos outros filhos, Joana mandou umas roupas usadas para todos de casa e um

dinheirinho. Negócio de besteira. Mais se vendo livre de saias velhas e ter desculpa para comprar novas. Nozinha, que era uma pobre soberba e não queria muita amizade com os parentes ricos, quase joga tudo fora, porém Veialita pediu e mostrou alegria em ficar com as coisas, que mais valiam como um resto de amor pelos outros, dos quais sabia pela boca dos estranhos:

– Joaquim comprou mais uma fazenda lá no Sul. Fazendão! Homem rico, podre de rico. Vai ser uma fortuna. Já não sabe o que possui. Igual a seu Beto.

– É dele não é meu – respondia a Veialita indiferente. – Para a mãe que pariu e deu leite nesses peitos aqui, olhe, não manda nem um figo podre. O que Deus dá, nós comemos, não é?

– Ora, ora... o pouco com Deus é muito.

Nozinho tinha uma pereba no peito do pé, resto de mordida de um jabiraco, que apostemava na força da lua. Mesmo assim, na hora de fresca,

arrastava a enxada no quintal, plantava umas mandiocas, e meia tarefa de cacau já dava os primeiros cocos. Bobagem, rendia para o sal.

Vidinha difícil. Escondiam a erisipela e a pereba. Melhor que sentir vergonha da vergonha dos parentes lá da cidade.

– Genro bom, ali – comentava Veialita. O defeito era ser pobre.

– Viva Deus! Não vê, meu caçula, o Joaquim, não sabe o que possui.

Rico de verdade: muito cacau, gado de perder a conta, mas é dele não é meu. Dizem que tem não sei quantos carros. Um mundo de possuídos. Nem se lembra de mim. Nozinho é aquela bondade, coração como uma pedra de açúcar. O que é dele está no meu querer. No dia que tem carne nós comemos, mas se for preciso comer farinha com pimenta a semana inteirinha-que-Deus-dá é a mesma coisa. Seja tudo como Deus é servido.

–Manda pedir, Veialita.

– Quem?!... Esta aqui?

Batia a mão no peito e concluía soltando o resto de orgulho:

– Bato a mão na boca para Deus não me castigar... Nunca... morro de fome, vou pedir esmola aos de fora. Deus não há de me conceder necessidade para pedir a ele uma capa de fumo. Nozinho é meus pés e minhas mãos. Deus dará a ele muitos anos de vida. Só saio daqui no caixão.

Nozinho ouvia tudo e gostava da gratidão da sogra. No íntimo, vingava-se dos cunhados.

– Veialita, não faça isso, a senhora não é mais criança, deixa isso pra lá – ralhava quando ela trabalhava em qualquer coisa.

– Ah! Nozinho, não posso ficar parada, sinto gastura. Nasci trabalhando. Estou acostumada. Vai cuidar da tua venda, deixa eu plantar umas traquinadas de verdura.

III

Certo dia, a Veialita adoeceu gravemente e o jeito foi levá-la para a casa de um dos outros filhos, Francisco, casado com Margarida, em Beira Rio. Justiça se faça: nas primeiras semanas nada faltou: do médico ao mingau. Findos os quinze dias, a nora, que até ali vinha tratando a velas de libra, começou a recomendar:

– É, Francisco, você sabe, a Veialita precisa de melhor conforto... aqui em casa ela dá muito prazer... sei que é minha obrigação... estou pronta para zelar dela até os últimos instantes...

mas... no hospital é melhor... tem um tratamento especializado... ela pode piorar de uma hora para outra... o balão de oxigênio... essa falta de ar dela... o médico de plantão...

Francisco desconfiou que a mulher pretendia descartar-se do fardo: levar a sogra ao banheiro, segurá-la, virá-la na cama; a sogra cuspiu no chão, escarrava gema de ovo no tapete da sala, os netos desacostumados com a presença da avó, que não podia ouvir zoada e ficava impaciente, começaram a inticar a Veialita.

Quando falaram no internato do hospital, a doente protestou:

– Não... vou-me embora para o Oricó. Se tiver de morrer, morro lá. Já estou melhor, levo os remédios e...

– Mas, Veialita... no hospital a senhora tem conforto, a tempo e a hora... a enfermeira... não custa nada... seus filhos têm o prazer de pagar tudo... Joaquim, Ave Maria! Disse que o que necessitasse...

– Não... vou mandar chamar Nozinho para me buscar.

Margarida sentiu alívio, porém salvou as aparências:

– Nesse caso a senhora espera aqui mesmo mais uns dias, até ficar mais forte, acaba os remédios... Ou então vai para a casa de Sinhá. Lá passa uns dias também com seus netos, tem dois, os mabaços, que a senhora não conhece. Depois a senhora vai para a casa de outro e assim fica passeando, se distraindo...

Sinhá, consultada, achou muito boa a ideia, que ela tinha obrigação por ser filha também, mas...

– Minha mãe é teimosa mesmo, não vê que no hospital é melhor...

Veialita sentiu que tudo estava muito certo, no entanto, o certo mesmo era a casa de Nozinho, a perua, o quintal, o gole de café tomado à tardinha, no terreiro, olhando a mata-ria engolindo o sol, assustando os últimos assanhaços nas corindibas, o pirão amassado com a mão, o cozido de beré com quiabo e coentro. O gostoso de mascar fumo.

Tanta vontade teve de voltar a casa que o médico se assustou:

– Está boa: sem febre, brônquios limpos, coração de menina. Pode até casar, minha velha. Fica mais uns dias para uma verificação completa e estará nova em folha.

Margarida que ouvia atenta o resultado:

– Nada, doutor, ela vai ficar agora morando com a gente, passeando na casa dos outros filhos.

– Quem? Eu?!

– Sim, a senhora mesmo.

– Amanhã, estou na estrada.

– Não, minha velha, precisa consolidar a cura. Seu estado foi grave... quase, quase... se a senhora não chegue tão cedo aqui...

– É... mas deixei lá uma perua deitada... pelo tempo já tirou e é preciso cuidar dos peruzinhos...

Não faltou quem se oferecesse para levar a Veialita de volta. Sinhá comprou uma mala de sola, arrumou-a, acrescentou dois robes na bagagem, um talco, sabonete, e prontificou-se

a acompanhá-la na viagem, a fim de recomendar a Nozinha os cuidados: não tomar resfriado... dormir mais cedo, acordar mais tarde, não botar os pés no chão; banho frio no riacho, nem é bom falar.

IV

Voltou a Veialita.

Voltou naquela alegria novidadeira.

– Esses bombons, comprei na exposição de gado; uma beleza! Um mundão de gente, barracas de tudo, carros, cada boi bonito, cada cavalo parecendo com o de São Jorge. Lindeza de encher a vista. Joaquim foi quem mais comprou gado. Está rico, o menino! Rico, rico. O homem de mais posses em Beira Rio. Precisava ver teu tio, meninos. Precisava. Cada hora aparecia num carro. Já fazia pra se mostrar. Gordo, corado e o povo

atrás: – Seu Joaquim pra cá, seu Joaquim pra lá. Me compra o boi, seu Joaquim, só o senhor tem condições de comprar, o homem daqui é o senhor. Ganhou um bocado de prêmios. O governador Lomanto foi quem deu a ele. Daí a pouco riscou um avião em cima do parque, fazendo pirueta e o povo dizendo: é o avião do seu Joaquim, ele foi comprar um gado lá em Minas que o zebuzeiro foi mostrar. O menino saiu num pé de vento, pera aí, mãe, que vou ali e volto daqui a pouco, vou ver um gado em Minas Gerais, como se aquilo fosse ir ao ribeirão e voltar. Me deixou com Margarida e de tarde, cedo, antes do sol entrar, ele já estava na labuta da exposição. Nunca pensei de ter um filho tão importante.

– Nem se lembrava de nós, hein, mãe – pilheriou Nozinha.

– Ó, gente, não faz isso comigo, não. Não me esquecia um instante. Não tirava o nome de vocês da boca: Ah! Nozinha aqui... Ah! Se as crianças vissem essas belezuras, os carrinhos de

menino, a roda-gigante da altura daquele jequitibá. Oh! Pena que senti de vocês não verem. Ah! Se eu tivesse dinheiro para levar vocês, ainda pensei em pedir a Joaquim mandar um carro... uma junta de carneiros puxando carroça. Tinha um sapo de arroba... eu não vi, mas me disseram.

– Ah! mãe, isso não é pra nós...

– É, minha filha... é... Deus está no céu.

Quem primeiro acordou no dia seguinte foi a Veialita, queria ver a peruca, dar comida aos buguelinhos, achar o ninho da saqué, ver as plantações, lavar a cara no riacho, mascar fumo sem precisar esconder o vício. Sentia-se forte, disposta, com fome de comer um boi. Os braços só pediam trabalho. Há tempos não cantava, mas se lembrou de uma modinha da infância, dos seus doze anos. E cantou. Até os passarinhos se assustaram porque a Veialita cantava cada vez mais forte. Nozinho acordou, Nozinha veio para o terreiro, os meninos se levantaram para ouvir a velha alegre, sen-

tada na pedra do riacho. Parece que os jasmims do brejo cheiravam mais assanhados.

V

Mais tarde viajou a notícia: morreu.

Não mandaram dizer.

Não sei quem pegou no rádio. O aparelho de Nozinho estava sem pilha.

Quem veio de Tesouras trouxe o sucedido, meio confuso, misturado com boatos. Morreu num acidente na capital. Ao atravessar a rua... dizem que foi de propósito, vingança, negócio de compra de cacau, ele estava crescendo muito, só ele comprava. O rádio deu o nome de Joaquim. Gran-

de fazendeiro de cacau e gado, dono de armazém, da cidade de Beira Rio.

Só podia ser Joaquim, filho de Veialita.

Parece conto de carochinha, não é? daquelas estórias para ensinar gente a viver. Pois não foi não. É verdade. Nós pensamos em contar só casos inventados, não foi? Mas esse é verdadeiro e pode servir até de fábula.

No terceiro dia, já a notícia inchada de boatos. Apareceram quatro carros na estrada em direção à venda de Nozinho.

Cada filho, cada nora, bem como um neto (já estudando medicina), queriam todos levar a velha.

– Minha mãe... minha sogra... minha avó... perdemos o nosso querido Joaquim. Que há de ser de nós... Vamos, minha velha... vamos para a cidade. A senhora não pode ficar aqui nessas brenhas.

– Ela vai lá pra casa...

– Não... vai pra minha.

– Quando ela caiu doente, ficou lá em casa.

– Mas ela é minha mãe – argumentou uma.

– Mas sou a filha mais velha e eu é que tenho obrigação!

– Ó, gente, deixa mãe decidir.

O casal Nozinho não entendia nada. Nem os meninos. O amor filial brotou como encanto depois da morte do inesquecível parente Joaquim.

– Estou bem, Margarida, fiquei boa de tudo. A isipra nem parece. Não saio daqui nem morta. Boa arrumação faz quem em sua casa fica em paz.

– Mas, minha Veialita, aqui não dá. Ficar aqui neste ermo, socada nos matos, sem um conforto. Não, você vai lá pra cidade.

– Ela é minha mãe.

– Mas...

– É minha.

– Antes ninguém ligou...

– Gente, gente, explica o que houve? – Procurou saber Nozinho. – Bem verdade que ela tomou choque, está abatida, porém não há de ser nada.

– É... meu tio... – argumentou o candidato a médico – ela pode ter um pro-

blema de saúde com o trauma. A idade já não permite ficar longe dos socorros de urgência.

– Acalma, gente, acalma...

Chegaram duas pessoas estranhas, bem vestidas, armadas de pasta de couro, gravata. Dois lordes. Um usava óculos, estava meio arredio e continha--se. O outro falava pelos cotovelos, gesticulava, mostrava talento, comentava os últimos acontecimentos políticos, deflagrou a terceira guerra mundial, deu mais um golpe na República, cavou mais o histórico abismo das finanças e só queria tomar a assinatura da velha em um papel já batido a máquina.

– Moço, quieta. Deixa eu respirar pelo menos. O que houve?

Andava naquele estica-encolhe quando chegou um cidadão bastante conhecido: alto e magro como um podão, louro igual a um broto de cacau, a careca mais parecia lente convexa. Tendo feito as duas léguas a cavalo, vinha gineteando de cansado. Deputado e nobre causídico. Residia

na capital lá na árvore mais alta, só olhando cá para baixo. Nomeava os filhos dos grandes fazendeiros, desembaraçava na polícia os problemas de batidas de carro, brigas em boates, era, enfim, o que resolvia as dificuldades das famílias importantes que já não moravam em Beira Rio. Amigos do peito, lé-com-crê, cheque em branco para o custeio nas eleições. E não faltava tempo para o jogo de buraco na casa dos amigos: quando era amigo era amigo para o que desse e viesse. A maior virtude: o culto daquelas amizades com o ranço dos privilégios dos tempos mortos. Vivia entrosado com as necessidades de cada um. Cevava os clientes. Engordava-os de favores.

Ao saltar do cavalinho cassete, cri-na dura de carrapicho, pongó que tomara emprestado por ali mesmo, foi salvando a todos em gesto de comício:

- Boa tarde, minha gente.
- Boa tarde, deputado.

– Boa tarde, dona Lita, como passa?

– Aqui pelejando.

Os dois advogados presentes olharam o intruso, vencidos. Não podiam competir. Conheciam a habilidade dele em colher inventários. A partir do acidente em Salvador, tudo era cuidadosamente previsto. Desde arranjar que o corpo não fosse autopsiado no necrotério, até contratar o carro que trouxesse o defunto para ser enterrado em Beira Rio.

– Vim de tão longe, Veialita, a fim de trazer as condolências. Pobre do amigo Joaquim. Tão bom, ajudou-me tanto em campanhas memoráveis.

Não podia eu neste momento crucial deixar de trazer meu apoio à senhora.

– Os olhos boiavam em lágrimas.

– Muito obrigado, doutor.

– Estou às suas ordens, minha velha. Seu filho me merecia bastante.

Em sua memória não pouparei nenhum sacrifício. Cuidarei de tudo com o carinho e o zelo da velha amizade.

Já foi levando a Veialita lá para o interior da venda, pegada por uma asa, naquela cocegazinha simpática de quem se imagina dono de tudo.

– Mas gente, me deixa em paz. Santo quando vê muita esmola desconfia. Debaixo desse pirão tem carne.

– É o prazo, Veialita. É o prazo, tem muitas.

– Prazo de quê?

– É preciso, minha velha. É a lei.

– Que lei?

Até ali ninguém explicara nada, receando que a mãe do falecido tomasse uma atitude própria do seu temperamento desabusado.

– Espera aí, gente, calma. Meus peruzinhos estão ali pedindo comida, já é tarde, os bichinhos estão morrendo de fome.

No terreiro, realmente, as avezinhas piavam famintas no repetido pio... pio... pio. Veialita foi à cozinha, mexeu o pirão na cuia e já saiu chamando:

– Piruzin... piruzin... piruzin...

Quando abaixou em cócoras, repuxando a saia, a fim de proteger as intimidades, já os gulosos bichinhos pulavam de asas abertas sobre sua mão, bicando a farinha molhada.

O deputado, rente, poetava:

– Que vida, que ar, que água cristalina dos campos. Quando largar a política, irei para a fazenda gozar o resto da vida. A capital está insuportável.

Veio a poluição, a agressividade da cidade grande, as filas... até a crise do petróleo.

Veialita, nem-te-ligo. Cabeça baixa, maldava, aquele povão todo ali naquele adulatório.

Doutor Cirilo já estava também de cócoras, ao lado, estalando as juntas burocráticas.

– Papa-defuntos, Veialita, esses advogados que estão aí. Uns exploradores. Gente nova que vem para Beira Rio, pretendendo enriquecer de meia-noite para o amanhecer. Não eu, que advogo aqui há mais de quarenta anos, todo mundo me conhece, defen-

do na Assembleia os interesses da coletividade. E, sobretudo, sobretudo, digo, era amigo, amigo-irmão do seu filho.

Veialita estava para decifrar por si tanta cortesia, quando o deputado esclareceu:

– É que a senhora é a única herdeira de tudo do Joaquim. Tudo hoje é seu. Tudo, tudo... Fazendas, casas, carros, armazéns de compra de cacau. Entendeu? Solteiro o *de cujus*... não deixou filhos... vem, na ordem da sucessão, a ascendente.



Capa do e-book *O advogado e o burro ladrão*, publicado na coleção e-poket.

VI

De início a Veialita não atinava bem como poderia ser uma fortuna em suas mãos. De logo, nem fazia ideia de ficar rica. A pobreza de toda a vida, a economia forçada, os tostões gastos na abertura da miséria acostumaram à economia, à mochila pura, à lata de farinha vazia no fim da semana.

– Pra que eu quero isso tudo? Pra dar confusão. Quero não. Não quero nada. A riqueza dessa vida eu perdi ainda moça – meu marido. Deus levou. Pra que eu quero fazenda. Quero não. Preciso hoje da amizade do meu

genro Nozinho, da mulher dele, minha filha, e dos meus netos.

– Mas, Veialita, tem que fazer o inventário. A senhora precisa dar a procuração. Depois que estiver em suas mãos o espólio...

– O quê?

– Sim, quando a senhora receber tudo dá a quem entender, pode morar em Beira Rio, em Salvador... Passar na Europa.

– Na Oropa?! Só falta essa.

Já nova roda se formava em volta da herdeira única. Os peruzinhos tinham saído a catar besouros pelo mato. Um pássaro-preto arreliaava. Até a sabiá-coca, meia roca, parecia zombar dos homens.

– Nozinho, ó! Nozinho, vem cá, nego. Vem cá. Diz aqui...

Ao chamado, os outros genros e noras interceptaram a conversa.

– É o seguinte, Nozinho. Você sabe, você é nosso cunhado, mesmo que irmão, mamãe tem que dar a procuração para requerer o inventário e cuidar das coisas. Tem dinheiro em ban-

cos, débitos a pagar, créditos a receber. O negócio do Joaquim era muito grande e não pode parar.

Veialita ouvia querendo ser indifferente, até que sentenciou irônica.

– Agradeço o cuidado de vocês todos. Agora podem ir embora.

– Não, mãe, vai sair um cafezinho – informou Nozinha.

– Sim, filha, depois do café, não é botando vocês pra fora não. Depois do café vocês vão embora. Com calma eu vou conversar com Nozinho, combinar tudo e mando dizer a vocês.

– Mas tem o prazo, Veialita! – Ficou impaciente o deputado.

– Sim...

– E lei é lei... não pode esperar assim, não. Lei é lei... depois vem o juiz, manda sequestrar tudo e vai ser pior.

– Sim, doutor, mas quem passou seis meses de verão pode passar seis meses de inverno. Vivi até o presente pobre. Então... vou pensar.

Houve argumentos, agradados, palavras mais ásperas. Os dois advogados voltaram a pé antes de todos e já es-

peravam na estrada de rodagem, juntos aos carros deixados, vencidos pelo deputado e vingados pela resistência da velha.

– Nós não pegamos, mas aquele urubu-rei também não pega. Velha cabeça-dura.

VII

Antes do escurecer, a casa de Nozinho abrigava somente os seus moradores. Sem a tranquilidade de antes. A fortuna chegada assim de sopetão começou a inquietar. O nervosismo da conversa da tarde passou a todos.

Em Beira Rio a guerra judicial deflagrou-se.

O deputado conseguiu reunir os filhos e noras da Veialita em torno de uma mesa redonda e deu a ideia.

– Só há um caminho...

– Qual é, doutor?

– Requerer a interdição. Ela já é muito velha e pelas atitudes não está em pleno uso das faculdades mentais. Não quer a fortuna?!... está louca! Nomeia-se curador. Sou amigo íntimo do juiz.

– É... doutor Cirilo manda na vontade dele.

– Não é bem assim – pretendeu salvar as aparências o deputado.

– Ora, doutor, todo mundo sabe que foi o senhor quem obteve a promoção dele praqui.

– Bem... tenho profundos laços de amizade com Sua Excelência.

– E daí, doutor, tanto negócio não pode ficar assim à toa. Joaquim tinha um bom gerente, que sabe de tudo, mas precisa de orientação.

– É... vamos sabendo dos depósitos dos bancos, os créditos, mandando contar o gado da fazenda... Tudo se arruma.

– Mas, doutor, é um mundo de negócios...

– Sim, com calma se acerta tudo.

Desfeita a reunião, todos voltaram alvoroçados para casa.

Lá no Oricó, no Ponto dos Nozinhos, mais um dia veio a furo, os peruzinhos encheram o papo de pirão, as cocas arrelharam os homens. Os pássaros-pretos continuaram na boêmia madrugada. A noite enxugara as atribulações da véspera.

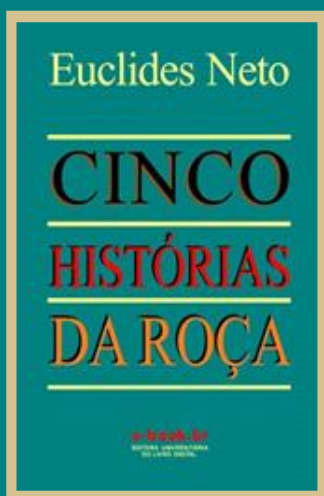
Não fossem os outros filhos e genros, que procuraram a Veialita, o mormaço da rotina teria voltado.

A única herdeira, contudo, já planejara o futuro.

Não adiantou aquele espoleta instruído pelo deputado:

– Veialita... a senhora tem a ajuda do doutor Cirilo, amigo íntimo do falecido, capaz de resolver tudo; sem cobrar, talvez, um níquel, só pela amizade, e não aceita?

– Debaixo desse pirão tem carne...



Capa do e-book *Cinco histórias da roça*, da coleção e-poket, composto a partir da seleção dos contos “O cirurgião”, “Os ciganos”, “Conversa de maridos abandonados”, “Filomena” e “Amor de alugado”.

VIII

Depois da conversa, chegaram outros emissários. A nora Margarida veio de novo com agradinhos, pacotes de biscoito, um vestido cinza-claro, quase preto, para o luto. Ela mesma cobria-se de lilás. A princípio procurou convencer. Mas, a paciência, não sendo amiga da ambição, logo desapareceu e surgiu a ameaça.

– Olhe... a senhora aí nessa pirraça, se fazendo de rogada. Fique sabendo que não precisamos de herança, pois temos para dar e já demos demais

quando internamos a senhora com a perna caindo de podre, catarrenta, puxeirenta. Faça bom proveito.

Nozinha, próxima, humilhada, interferiu.

– Ó, Magá, não faz isso com mãe... deixa que ela arruma tudo, deixa esfriar a cabeça, vocês vão receber o que é de vocês. Ela já está velha e não precisa de nada. Deixa ela viver em paz aqui com a gente. Fica tudo pra vocês. Nós aqui só queremos as graças de Deus.

– Não, Nozinha, deixa ela falar. Deixa.

– Paciência, mãe...

– Pois fique sabendo, dona Margarida, que vou pagar tudo isso. Pode tirar a conta e cobrar seus trabalhos. Faz de conta que a senhora trabalhou para mim alugada. Tenho hoje, graças ao que meu filho deixou, um cabedal de dinheiro. E não peço pelanca a gato. Tire...

Veialita inchou as cordas das veias, enganchou as mãos nos quadris e parecia a dona das atitudes dos bons tempos.

– E querem saber de uma coisa: puxa daqui! E você com o tal de deputado e todos da corriola que vá tudo para as profundas dos infernos. Tudo.

– A senhora vai se arrepender.

– Agora pegue o caminho de volta. Pegue. Não se esqueça de mandar a conta. E o recibo que eu vou mostrar a todo mundo que paguei até o fedor que fedo em sua casa.

– Não, minha mãe, não... deixa Magá... deixa ela demorar um pouco...

– É por isso, sinhá besta, que você lambe sola até hoje... Quer saber de outra: quem muito abaixa o cu aparece.

– Ó, mãe, não quis lhe aborrecer, me desculpe.

– Tá desculpada, mas essa lambisgoia repimpada, metida a grã-fina... Eu sei... eu sei a grã-finagem de mulher de cidade em que dá... Quando casou não tinha no rabo o que um periquito fizesse um lanche...

– Olhe, Veialita – replicou a nora na mesma moeda – olhe... a senhora me respeite e procure seu lugar, que

não sou da sua iguala, sinhá velha mijona na cama!

Era demais o insulto.

Mas Nozinho chegava com um copo de água e açúcar para a Veialita, ofegante, espumando, perto de dar um trem.

– Não estou botando você pra fora não, Margarida, mas vai embora, vai. Depois tudo se acerta. Oh! hora infeliz que Joaquim morreu, para criar tanta desunião. Oh!, meu Deus, antes tivesse morrido pobre.

Veialita ansiava no quarto, tossia, as palavras tinham voltas como anzol e não saíam da garganta. Queria xingar, vomitar o ódio que vinha até às goelas e não saía. Quando começou a estrebuchar, Nozinho diagnosticou:

– Vai morrer... acode, Nozinha. Acode!...

Margarida já desaparecia na barriga da mata gorda.

– Se minha mãe morrer ela vai ver... ela vai ver... – ameaçava Nozinha.

IX

Em Beira Rio, doutor Cirilo representando todos os irmãos de Joaquim, menos Nozinha, entrava com longa petição, demonstrando a insanidade da Veialita. Antes informara ao juiz:

– Imagine, Excelência, que eu mesmo fui conversar com ela. Não liga duas ideias. Quando tem um momento de semilucidez é para dizer que não quer nada, não aceita herança nenhuma e larga todo mundo para dar comida a peruzinhos. A mania dela é criar peruzinhos. Só.

O juiz completou aquiescendo:

– Talvez seja pela morte do filho... Sensibilizou a região, quanto mais à pobre velhinha.

– Não. Antes me disseram que ela deu para cantar... sentava na pedra do rio e cantava, ouvindo passarinhos... só parece estar louca.

– É... faremos a prova, verificarei um dia vago para marcar a audiência.

– *Data venia*, Excelência, com certa urgência, a fim de evitar a multa se não requerer o inventário dentro de trinta dias. Depois o espólio precisa ser administrado, está tudo ao abandono.

– Mas isto vocês podem ir arrumando.

– Vamos ver.

– Minha agenda... aqui está: dia 28, quarta-feira, daqui a vinte dias temos um interrogatório em caso de acidente de trabalho... o caso do trabalhador que morreu de cobra. Coisa ligeira, sem muita importância, uma testemunha só... A velha será citada e tem o prazo da contestação.

– Ela não vai contestar... Dá. Dá de sobra.

Doutor Cirilo impacientava-se, nervoso, apressado mais do que o normal.

– Tenho uma solução, se Vossa Excelência não se opuser, *data venia*.

– Qual?

– Manda um oficial de Justiça com um ofício, chamando-a.

– Mas assim... é melhor o nobre advogado mandar um *memorandum*...

– Ah! Excelência, já mandei uma carta, e ela respondeu que fosse todo mundo para as profundas... advogado, até botou o nome de Vossa Excelência no meio, chamando todo mundo de ladrões. Coitada, é uma débil mental e não se pode fazer nada.

– Mas é assim... me xingou também – mordeu a intriga o magistrado.

– Não leve a sério... é doida... só quer ouvir os passarinhos.

– Porém está em jogo o augusto nome da Justiça.

– Sim, é uma anciã.

– Vou mandar o ofício agora.

A campainha tocou. E ao oficial de Justiça:

– Chama senhor José, agora, urgente.

– Uma sugestão, Excelência – insistiu doutor Cirilo –, eu bato o ofício, Vossa Excelência confere, assina, se estiver em termos, e eu mesmo remeterei.

Ótimo.

É um bom serviço prestado à Justiça. Depois precisamos internar a velhinha em um sanatório especializado, quem sabe? Com bons cuidados médicos ela pode recuperar o juízo e gozar um pouco da fortuna.

É... é... – arrematou o julgador.

X

Nozinho recebeu o oficial de Justiça.

– Às suas ordens.

– Venho da parte do Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da Comarca de Beira Rio – empostou o funcionário.

– Pois não.

– Aqui está a intimação.

– Para a Veialita?

– Sim.

Lá do quintal veio a voz de inhaíba lascando:

– Que é, Nozinho?

– O juiz.

– É o oficial de Justiça.

– Já é para me prender – ironizou a velha.

– Não, minha senhora. De modo algum...

– Doutor Cirilo... quero dizer, o juiz...

– Pode dizer: doutor Cirilo, pode... é ele que...

Não se sabe se o mesmo ocorre com os homens, mas os animais (o cavalo de sela, a vaca parida) pressentem quando o tratador está com medo. O oficial sentiu no tom da voz da Veialita, ou no cheiro que ela desprendeu, a atitude de quem ia investir.

– Pois eu vou. Agora quem quer ir sou eu mesma. Vou botar tudo isso em prato limpo. Contar bê-á-bá por Santa Justa. Se houver justiça nesse mundo, verãoo...

– Não há nada, minha senhora. O deputado Cirilo está aí.

– Você também... Ele já esteve aqui, festejando como urubu.

O funcionário da Justiça sentiu a reação:

– Sim... mas tem outros advogados. Agora mesmo tem um novato, rapaz formado por último. O nome dele é Zequinha...

– Inexperiente...

– Quem, Zequinha, filho da comadre Lourdes?

– Doutor José Macedo?

– Sim, é esse mesmo.

– Pois bem, pois bem, mas olhe que o deputado Cirilo... só o nome...

– Zequinha... Zequinha... só o nome já me agradou. É este mesmo.

A decisão estava tomada.

Seria Zequinha o advogado da Veialita.

– Que acha Nozinho, que acha? Você se lembra de Zequinha... aquele menino amarelo, cheio de pereba na cabeça de tanto piolho, que tinha uma ferida crônica na perna. É advogado. Foi pra Bahia, se empregou lá com um padre e chegou formado. Me disseram. Está um bichão.

– Pois é... Zequinha... Quem diria?

– Até, minha senhora – despediu-se o oficial de Justiça.

– Vai com Deus.

– Até logo – em coro, completaram os Nozinhos.

– Vamos amanhã, Nozinho. Cedo, antes da fumaça do gongo, estamos com o pé na estrada. Você vai comigo?

– Vou sim, senhora. É bom que vou comprar uma pomada recri para essa perna que está bacuando demais.

– Cedo...

– É... com a fresca é melhor.

– Saímos daqui, para pegar a marinete que vem do Gandu, das seis horas.

– Na rompença do dia.

Zequinha, filho da comadre Lourdes, advogado já instalado naquelas duas portas, esperava tudo, menos pegar o gordo inventário.

Chato mesmo é assistir a conversa de criador de gado nelore ou de advogados. Não falam de outra coisa e, se facilitar, o incauto ouvinte intoxica os tímpanos com cauda, orelhas,

chanfro, marrafa, umbigo, linha de dorso, sacro, saída de chifres (reparem que já está crescendo a descrição...) ou recurso, embargos, mandado de segurança, “outro dia eu tive um caso”, prova, *habeas-corporis*. E chega!

Assim, para não espetar o leitor ali ou enrolá-lo nas malhas da jurisprudência aqui, vamos parar com os autos de inventário de Joaquim, com o pedido de interdição, a contestação, testemunhas, inventariança, sequestro de todos os bens, reclamação ao corregedor, investigação de paternidade de um filho do morto que jamais nasceu (os linguarudos diziam coisas menos... a respeito dele). Tudo foi inventado, criado, requerido. Bispo Lopes farejou a cobiça e perguntou a Margarida:

– É mesmo que vocês querem tomar tudo da Veialita, dizendo que ela é maluca?

– É isso mesmo, seu abelhudo. Vamos provar a loucura dela, porque a sua não é preciso.

Já a esta altura a herdeira única tinha o doutor Zequinha em Beira Rio. O professor Coriolando em Salvador e o ex-senador Gabriel em Brasília. Três leitõezinhos a sugar, macios, as tetas do enxundioso espólio. Todos, no entanto, lutando bravamente, justiça se faça, para que a ascendente não fosse espoliada.

XI

Se antes havia indiferença para com a pobreza da Veialita e dos Nozinhos, hoje era ódio. Ódio roxo, esverdeado, de passar pela cabeça de um genro mandar fazer uma arte... e aí tudo seria de todos.

– Matar aquele traste só mão de pilão. Até está ficando nova. Foi para o Jorro, ficou boa perita da erisipela. Agora vive cento e cinquenta anos a infernada – resumiu Margarida, no rancor ciumento.

O fim da estória todo bichinho já sabe. Veialita não pode doar tudo a

Nozinho, porque a lei não o permite. Mas vai dando as rendas a ele, que as aproveita em aquisições de fazendas. Depois pensa em legar a metade disponível aos netos, filhos dele. Depois requererá uma ação para deserdar todos os outros filhos e noras e genros.

A questão escorre em Beira Rio.

O Ponto dos Nozinhos se transformou na sede de importante fazenda, com tantas barcaças de secar cacau que parece mais uma cidade.

A Veialita é viva e sã. Todo ano vai ao Jorro e lá se encontra com seu bom médico, doutor Alípio. Só não pode mais cantar sentada na pedra do riacho, acompanhando o pássaro-preto que ainda vem da mata, porque ficou muito rica.

Dá ou não dá uma estória do tempo antigo, como o de Maria Borrallheira?

Quem souber escrever, que aproveite o contado.

COLEÇÃO TEAL

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo chapado na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

Os e-books são diagramados no formato de 12 centímetros de largura, por 20 de altura, na fonte *Amer Type Md BT*, corpo 13 a 15, cores branca preta, tornando a leitura visualmente cômoda, em equipamentos eletrônicos.

Acervo Euclides Neto

Coleção Teal
Volume 2



Edição e projeto gráfico:
Cid Seixas

<https://issuu.com/e-book/docs/4euclides>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

A Coleção **Teal**, da E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, disponibiliza obras digitais com formato diferenciado – e tomando como base uma cor pouco usada, principalmente para servir de fundo em páginas de livros.

Escolheu-se um formato de e-book concebido, pelo tamanho e pelos tipos de letras, para ser lido confortavelmente em smartphones e outros aparelhos digitais.

O Acervo Euclides Neto vem sendo publicado tanto nesta quanto em outras coleções, conforme as dimensões do texto.

Os livros podem ser lidos na plataforma **ISSUU**, de Copenhaguen, Dinamarca, e também nos sites **e-book.uefs.br** e **linguagens.ufba.br**, em PDF, adequado para ser salvo com facilidade no celular ou nos demais equipamentos do leitor.

O BOCADO NÃO É PARA QUEM FAZ

Euclides Neto

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo chapado na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

<https://issuu.com/e-book.br/docs/4euclides>
<http://www.e-book.uefs.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL